CONHECIMENTOS UTEIS.

DO TRABALHO NACIONAL.

187 Fiel ao seu programa, que será rigorosamente cumprido em todas as suas partes, a REVISTA publica hoje um artigo d'economia politica sôbre um ponto actualmente muito debatido entre as nações mais illustradas. O seu auctor é conhecido de todos os economistas pela distincção com que costuma tractar estes assumptos.

Direi todavia que este artigo não foi escolhido, nem por ser este o ponto mais interessante ou capital da sciencia, nem tambem porque a sua doutrina seja *toda* incontestavel. Bem pelo contrario, os meus principios em economia politica separam-se bastante da famosa maxima de negligencia social — *deixai fazer, deixai passar:* e n'isso, creio eu, me ligo com os homens que mais profundamente teem observado *na prática* a execução das bellas theorias que nem sempre podem ser — nem são effectivamente — as melhores directoras da acção economica. As restricções sensatas são sempre uteis — a liberdade da natureza tambem está circumscripta dentro das leis da providencia: o mar, por exemplo, agita-se temerosamente mas não ultrapassa as barreiras que lhe foram impostas.

Ja se ve que este artigo, que em seguida transcrevemos, não podia ser preferido senão por versar sôbre objecto que mui interessadamente nos toca. A nossa industria nascente, carecendo de protecção e estimulos, tudo porventura lhe parecerá diminuto de quantas prohibições se prescrevam nas pautas, de quantos direitos protectores possam ser estabelecidos.

A nossa industria tem razão e justiça até certo ponto; saiba-se porém que essas exigencias são controvertidas pelos escriptores mais competentes da sciencia. Comecemos por alguma coisa a tomar conhecimento com a economia politica tão abandonada pela nossa imprensa — e ainda por muitas das nossas capacidades; e comecemos tambem a alimentar a nossa curiosidade e intelligencia, com essas graves questões economicas que se debatem e desinvolvem nos paizes mais illustrados.

DO TRABALHO NACIONAL.

A éstas palavras — *trabalho nacional* se allega, de alguns annos para cá, um sentido jesuitico, mediante o qual se deslumbra e enleia a religião de muitos espiritos sensatos, que educados nos principios da igualdade moderna, julgam, com razão, que são mais benemeritos de seus concidadãos aquelles tão somente que trabalham mais e melhor, e que esses taes ficam sendo benemeritos de quantos conservam o consolatorio privilegio de experimentar mavioso sentimento ao ouvir o doce nome de *patria*. Singular destino de duas palavras que exprimem coisas sanctas: *trabalho*, o que torna o homem independente, util, que o ennobrece emfim; e *nacional*, como quem dissera, cavalheiroso, poetico, no ponto que respeita aos interesses da grande familia. Singular destino é o d'éstas duas palavras, a de terem sido reunidas para exprimir uma logração — o *monopolio* e o *privilegio*.

O êrro tem a sua origem em duas preocupações, que cumpre descobrir ao mesmo tempo, porque a não ser assim, *uno avulso non deficit alter*.

Primeira preocupação. Ha pessoas a quem se lhes afigura que um povo deve fazer tudo dentro dos limites do seu territorio; d'ahi, a julgar que uma provincia póde passar sem a outra, que uma cidade deve achar tudo dentro em seus muros, e que uma familia deve isolar-se no seio da civilisação, não falta senão um passo. Quantos espiritos fortes discorrem pouco mais ou menos como n'aquella fabula, em que não querendo os braços occupar-se dos interesses das pernas nem éstas dos interesses dos braços, resultava á economia geral penuria de recursos e debilidade; quando pelo contrario obedecendo cada membro á lei da separação das occupações, permittiria a todo o individuo executar a propria tarefa. Adam Smith pôs fóra de toda a dúvida as vantagens e a indispensavel necessidade da divisão do trabalho. É preciso lê-lo, e depois refutá-lo, ou pensar como elle. Até ao dia de hoje ninguem o refutou; portanto é-nos permittido repettir-ser uma preoccupação o julgar que cada nação deve podèr prescindir de todas as outras..... Ella deve produzir o que o seu clima, a natureza do solo, a sua posição e a sua aptidão lhe permittem fazer melhor e mais barato que as outras; dar seus productos ás outras nações em troca do que éstas sabem fazer melhor, e por menor preço; d'onde provém a lei do *deixar fazer* e *deixar passar* pelas fronteiras, para as fazendas que entram e que sahem.

Segunda preocupação. Tem-se transferido para o dominio dos factos relativos ao trabalho, á riqueza, para o dominio da economia politica, uma idêa, e vem a ser: que os *extrangeiros* podiam *invadir* um povo pelos seus productos; innundar os seus mercados com estes mesmos productos, e por fim de contas desapparecer levando comsigo todo o numerario. Partindo d'ésta concepção, teve-se horror dos productos extrangeiros, e empregaram-se todos os meios para os encantoar como objectos infeccionados de peste. Ha n'isto um grande êrro, por duas razões; a primeira porque definitivamente os productos não se compram com dinheiro, mas sim com outros productos; e se as especies metalicas intervem algumas vezes entre as nações, não é senão para effeituar os saldos: ou então, (e ésta é a segunda razão) porque subindo o preço das especies no paiz comprador, este, em trôco dos seus productos, procura, com preferencia a outros productos, as especies de que ha de tirar maior lucro. Porquanto foi demonstrado pelos economistas do seculo XVIII, e por todos os seus successores, que os metaes preciosos não são outra coisa senão mercadorias, que cada paiz não procura, nem deve procurar, senão na proporção de suas necessidades — necessidades que, debaixo do aspecto monetario, são mais limitadas do que elles pensam. Ora, não se comprando productos senão com productos, como o demonstrou radicalmente J. B. Say, e não sendo o dinheiro, como o hão provado os economistas, a unica riqueza, segue-se que é uma loucura repellir os productos que os extrangeiros fazem melhor e por menor preço, e que elles querem trocar contra aquelles de nossas producções que nós fazemos melhor e por menor preço; d'onde tambem dimana o *deixai fazer* e o *deixai passar* pela fronteira, relativamente ás mercadorias que entram ou que sahem.

Sim este famoso *deixai fazer — deixai passar*, esta liberdade de permutações entre os povos, é a lei natural das transacções. Com ella, e admittindo todos os elementos de circulação necessarios, a producção tem logar onde é mais proveitosa, e o consummo acha todas as vantagens possiveis. Os capitaes e a população dispersam-se naturalmente, e estabelece-se um equilibrio universal sobre todos os paizes que se acham em communicação.

Ora desde que se raciocina ácerca da riqueza, este principio que debalde os sabios se esmeram em dilucidar, tem sido mal conhecido e transtornado pelos administradores e muitos productores. Até se hão suscitado em theoria preconceitos contrarios, e por isso é que hoje temos a doutrina do *trabalho nacional*, isto é, a doutrina do monopolio. Eis aqui como ella opéra nas differentes industrias que a invocam. Antes que tudo, desde os primeiros tempos, em que um ramo de trabalho se acha protegido, quer seja por uma *prohibição* dos productos extrangeiros, quer seja por fortes direitos de entrada, que empeçam estes mesmos productos de vir fazer concorrencia com os productos indigenas, os lucros d'este ramo de trabalho são proporcionalmente maiores que os dos outros ramos. D'aqui resulta, que os capitaes que estão sempre á espreita da industria mais productiva, affluem para o ramo favorecido, e os ganhos não tardam a pôr-se ao nivel, e até mesmo a baixar do nivel. Ésta accumulação de capitaes sobre um ponto, occasiona uma accumulação de operarios, que pela sua concurrencia tendem constantemente a fazer descer a quota dos salarios. O privilegio portanto trouxe comsigo sobre este ponto o excesso da concurrencia, e a baixa dos salarios, e elle é que será causa umas vezes do sobreexcedente na producção, outras veses da quéda de emprezas, e sempre das angustias da população: tres desastres que, na linguagem politica, se designam com o nome de *crises*.

Algumas vezes, dois productos invocam, quasi com igual direito, o *trabalho nacional*, e renovam a guerra dos Atrides.

Quando o mal chegou a este grau, não tem remedio. D'elle se não sabe, senão atravez de ruinas.

Se ao menos se podessem tomar precates a tempo? Porem uma vez que o mal se ache inoculado no paiz, a operação que sería necessario fazer para d'elle o estripar, é dolorosa em demasia. Ella vai ferir todos aquelles que vivem do privilegio e aquelles a quem provisoriamente dão que viver, por aquelle trabalho; por outra parte os srs. privilegiados sabem de tal maneira misturar e confundir os seus interessescom os interesses geraes, com os dos pobres operarios que se extraviaram n'aquelles becos sem sahida, que as auctoridades gastam muito tempo antes de ver com claresa o que se passa em um tal labyrintho, e que depois não se acham com capacidade de vencer as resistencias, quando ás vezes tem desejos d'isso.

Expendido fica o que é o soberbo *trabalho nacional*, que achou o segredo de se introduzir n'um discurso do throno; que embarga as boas inspira-ções dos nossos homens de Estado; e que chegou a barulhar as ideas da maior parte dos publicistas, que julgam obedecer á razão, quando são o ludibrio dos sophismas e do monopolio.

J. Garnier.

CARRIS-ATMOSPHERICOS.

188 Experiencias muito interessantes se fizeram, a 4 e 5 do passado, no novo carril-atmospherico de Croydon (Inglaterra) acabado na extensão de 5 milhas. Diversos combois correram ésta linha com uma velocidade variada de 30 a 66 milhas por hora. Os jornaes inglezes que dão conta d'estes ensaios, affirmam que foram completamente satisfatorios, e que muito contribuem para demonstrar que, com o systema atmospherico, póde communicar-se aos combois maior velocidade que no systema a vapor; e sobretudo que não ha que receiar nenhum d'esses terriveis accidentes, que acontecem algumas vezes nos caminhos-de-ferro ordinarios.

PAPEL DE MADEIRA.

189 Grande número de experiencias se tem feito sôbre muitas e diversas substancias para fabricar papel; mas são em pequeno número as de que se servem nas respectivas fábricas. M. Releti apresentou alguns quadernos de papel feito da madeira de olmo, freixo etc., bem como diversos pedaços de cartão fabricado com a mesma materia prima — O seu processo é muito simples e conomico. Consiste na maceração da madeira em agua-de-cal, ou n'outra dissolução alcalina: pesa-se depois tudo muito bem; e branqueia-se por fim quantas vezes for preciso — Este papel foi submettido á approvação de uma commissão que apresentou o seu parecer certificando a sua grande utilidade e as inumeras vantagens que podem resultar d'este novo ramo de industria.

(*Dict. des Ménages.*)

COLIRIO IODICO DO DR. REINIGER.

190 Mr. Rorier cutileiro, estando a trabalhar, saltou uma palheta de ferro que se lhe fixou na espessura da cornea. Oito dias depois appareceu o olho vermelho, a vista diminuida, sentindo calor e picadas; e conservando-se a palheta no estado brilhante. Sendo consultado o dr. Reiniger, depois de infructiferas applicações, prescreveu o seguinte:

Colirio.

Iode.....	0,05
Iodureto de potassa.....	0,50
Agua destillada de rosas.....	100.

Á primeira applicação, oxidou-se a palheta, e o seu brilho desappareceu, — os symptomas de ophtalmia diminuiram; e continuando com o uso do colirio, o doente recoperou totalmente a vista. O processo seguido n'este caso teve por fim transformar o ferro em Iodereto soluvel d'este metal.

(*Trad. do J. de Pharmacie. de junho de* 1845 — *Commnnicado.*)

PASTAGENS.

191 Algumas experiencias feitas ultimamente em França deram os seguintes resultados:

Um campo de pasto dividido em quatro partes, onde o gado apascente alternativamente, póde dar alimento a 20 vaccas na mesma porção de terreno que o não daria a mais de 8 ou 10 se lh'o deixassem apascentar todo á vontade.

Este methodo aperfeiçoa-se fazendo com que ás vaccas succedam os cavallos, e a estes carneiros, que assim vão repastando toda a pastagem.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

192 Por decreto de 14 d'agosto do corrente anno, se mandou crear em cada uma das provincias ultramarinas certo número de cadeiras d'instrucção primaria. Em cada uma d'estas cadeiras se ensinará a ler, escrever e contar; principios geraes de moral: doutrina christan, exercicios grammaticaes, principios de geographia, e especialmente a noticia das diversas provincias da monarchia portugueza, historia sagrada do antigo e novo Testamento, e historia portugueza. Além d'estas escholas haverá no Estado da India, e em cada uma das provincias de Moçambique, Angola, Cabo-Verde e San'Thomé e Principe, mais outra *eschola principal de instrucção primaria*, na qual se ensinará tambem: grammatica portugueza, desenho linear; noções de geometria pratica, escripturação, noticia dos productos naturaes da provincia, ou que n'ella se fabriquem, e que sejam ou possam ser objectos de industria ou de commercio; ou dignos de serem conhecidos pela sua utilidade na economia domestica. Em cada provincia haverá um inspector de instrucção primaria, ao qual compete presidir aos exames dos professores e decidir da sua aptidão; cumprir e fazer cumprir todas as leis e regulamentos respectivos á instrucção primaria; preparar estes regulamentos e solicitar as providencias que dependerem de resolução regia.

Por portaria de 8 d'agosto do corrente anno, sôbre consulta do conselho-superior d'instrucção-publica, foi auctorisado o mesmo conselho para fazer imprimir por conta do Estado, na typographia da universidade, uma selecta composta das passagens dos classicos portuguezes, escolhidas entre os principaes generos de discurso em prosa, para uso das escholas, pelo professor Borges de Figueiredo, segundo o indice d'essas passagens que o conselho approvou para texto d'esta compilação.

Estas duas providencias não podem deixar de merecer a approvação dos que presam a illustração do paiz. A organisação da instrucção colonial hade servir igualmente de promover a importancia d'aquellas provincias. E' um passo certamente de vantagem para os seus interesses economicos; mas ainda não é cabal e completo para as suas necessidades. Lá, como em Portugal, não se crearam ainda escholas propriamente technologicas, nem agriculas, nem ainda commerciaes.

Limitando-me ás colonias, que mui longe me levariam as consideroções sôbre a metropole, e sendo indubitavel que uma boa lei d'instrucção-publica necessita de indagar o genero d'instrucção mais conveniente ás localidades para onde legisla, afim de lhes designar disciplinas accommodadas ás suas especielidades, viver e precisões; não é felizmente na lei de que tracto a inconveniencia de disciplinas que ha a notar, mas a deficiencia d'ellas talvez. Não que eu seja dos que querem logo tudo de uma vez; mas ao menos que se conheça e se tenha em vista a necessidade de prehencher, o mais depressa possivel, o que do primeiro impulso se não póde completar. Eu creio que as escholas d'economia-rural, as technologicas, as commerciaes, são de uma indispensavel e urgente necessidade nas colonias, principalmente nas africanas. Que todos se possam instruir em tudo é muito bom, mas melhor é ainda que se possam instruir no que mais lhes convem. Ora o que mais precisam as colonias é de meios que as ajudem a sahir do abatimento em que estão, e possam concorrer para os seus melhoramentos materiaes. Em Portugal, onde tambem não ha éstas escholas, ha todavia outros meios e outros recursos d'instrucção; nas colonias não é assim. O atraso, os erros, as lacunas que por la se sentem em todos os ramos dos conhecimentos de que tracto, produzem resultados funestos, tanto mais perniciosos quanto é maior o seu adiantamento n'outras partes; e se a prática ou a experiencia chega algumas vezes a corrigir uns e preencher outras, é sempre depois de longo e muito perigoso tirocinio.

A outra providencia de que fallei é a satisfação de uma necessidade que era desdoiro para o paiz estar ainda por satisfaser. Uma selecta portugueza era indispensavel. Ao passo que para tanta coisa se exige como habilitação os exames do latim e do francez, não se fazia o menor reparo na algaravia introduzida diariamente na lingua portugueza, pela imprensa e até nos documentos officiaes, á falta de uma instrucção elementar!

O conselho-superior d'instrucção-pública começa assim a despertar a fé que temos na sua instituição, e a provar que os seus illustres membros comprehendem a alta missão de que estão encarregados.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XV.

Retratto de um frade franciscano que não foi para o depósito da Terra-sancta, nem consta que esteja na Academia das Bellas-artes. — Ve-se que a logica de Fr. Diniz se não parecia nada com a de Condillac. — Suas opiniões sôbre o liberalismo e os liberaes. — Que o poder vem de Deus, mas como e paraquê. — Que os liberaes não intendem o que é liberdade e egualdade; e o para que eram os frades, se fossem. — Próva-se, pelo texto, que o homem não vive so de pão, e pergunta-se o de que vivia então Fr. Diniz.

193 Quem era Frei Diniz?

Disse-o elle: — um homem que se fizera frade, ja velho e cançado do mundo, que vestíra o hábito n'um tempo em que a mofa, o escarneo, o desprêso seguiam aquella profissão; que o sabía, que o conhecia e que por isso mesmo o affrontára.

D'estes raros e fortes characteres apparecem sempre na agonia das grandes instituições para que nenhuma pereça sem protesto, para que de nenhum pensamento duravel e consagrado pelo tempo se possa dizer que lhe faltou quem o honrasse na hora derradeira por uma devoção nobre, gloriosa e digna do alto espirito do homem: — que o homem é uma grande e sublime creatura por mais que digam philosophos.

Tal era Fr. Diniz, homem de principios austeros, de crenças rigidas, e de uma logica infle-

xivel e teimosa; logica porém que regeitava toda a análise, e que forte nas grandes verdades intellectuaes e moraes em que fixára o seu espirito, descia d'ellas com o tremendo pêso de uma synthese inflexivel e oppressora que esmagava todo o argumento, destruhia todo o raciocinio que se lhe punha de diante.

Condillac chamou á synthese methodo de trevas: Fr. Diniz ria-se de Condillac... e eu parece-me que tenho vontade de fazer o mesmo.

O despotismo, detestava-o como nenhum liberal é capaz de o abhorrecer; mas as theorias philosophicas dos liberaes, escarnecia-as como absurdas, regeitava-as como perversoras de toda a idea san, de todo o sentimento justo, de toda a bondade praticavel. Para o homem em qualquer estado, para a sociedade em qualquer fórma não havia mais leis que as do decalogo, nem se precisavam mais constituições que o Evangelho: dizia elle. Reforçál-as é superfluo, melhorál-as impossivel, desviar d'ellas monstruoso. Desde o mais alto da perfeição evangelica, que é o estado monastico, ha regras para todos alli; e não falta senão observál-as.

Não sei se ésta doutrina não tem o quer que seja de um certo sabor independente e livre, se não cheira o seu tanto á confiança heretica dos reformistas evangelicos. O que sei é que Fr. Diniz a professava de boafé, que era catholico, sincero, e frade no coração.

Segundo os seus principios, auctoridade de homem sôbre homem, era usurpação sempre e de qualquer modo que fosse constituida. Todo o podêr estava em Deus — que o delegava ao pae sôbre o filho, d'ahi ao chefe da familia sôbre a familia, d'ahi a um d'esses sôbre todo o Estado; mas para o reger segundo o Evangelho e em toda a austeridade republicana dos primitivos principios christãos.

Assim fôra ungido Saul, e n'elle todos os reis da terra — sem o quê, não eram reis.

Tudo o mais anarchia, usurpação, tyrannia, peccado — é absurdo insustentavel e impossivel.

E sôbre isto tambem não disputava, que não concebia como: era dogma.

Nas applicações sim questionava, ou antes, arguia com sua logica de ferro. As antigas leis, os antigos usos, os antigos homens, não os poupava mais do que aos novos. A tyrannia dos reis, a cubiça e a soberba dos grandes, a corrupção e a ignorancia dos sacerdotes, nunca houve tribuno popular, que as açoitasse mais sem dó, nem caridade.

O princípio porém da monarchia antiga, defendia-o, já se ve, por verdadeiro, embora fossem mentirosos e hypocritas os que o invocavam.

Quanto ás doutrinas constitucionaes, não as intendia, e protestava que os seus mais zelosos apostolos as não intendiam tão pouco: não tinham senso-commum.

Agora, do frade é que me eu queria rir; mas não sei como.

O chamado liberalismo, esse intendia elle. 'Reduz-se' dizia 'a duas cousas, *duvidar e destruir* por principios, *adquirir e enriquecer* por fim: é uma seita toda material em que a carne domina e o espirito serve; tem muita fôrça para o mal; bem verdadeiro, real e perduravel, não o póde fazer. Fazer uma revolução liberal n'um paiz estragado, como são todos os da Europa, é sangrar um tysico: a falta de sangue diminue as ancias do pulmão por algum tempo, mas as forças vam-se, e a morte é mais certa.'

Dos grandes e eternos principios da Egualdade e da Liberdade dizia: 'Em elles os practicando devéras, os liberaes, faço-me eu liberal tambem. Mas não ha perigo: se os não intendem! Para intender a liberdade é preciso crer em Deus; para acreditar na egualdade é preciso ter o Evangelho no coração.'

As instituições monasticas eram, no seu intender e no seu systema, condicção essencial de existencia para a sociedade civil — para uma sociedade normal. Não paliava os abusos dos conventos, não cubria os defeitos dos monges: accusava mais severamente que ninguem a sua relaxação; mas sustentava que removido aquelle typo da perfeição evangelica, toda a vida christan ficava sem norma, toda a harmonia se destruía, e a sociedade ía, mais depressa e mais sem remedio, precipitar-se no golpham do materialismo estupido e brutal em que todos os vinculos sociaes apodreciam e cahiam, e em que mais e mais se isolava e estreitava a individualidade egoista — última phase da civilisação exaggerada que vai tocar no outro extremo da vida selvagem.

Taes eram os principios d'este homem extraordinario que junctava a uma erudição immensa o profundo conhecimento dos homens e do mundo em que tinha vivido até a edade de cinquenta annos.

Como e porquê deixára elle o mundo? Como e porquê, um espirito tam activo e superior se occupava apenas do obscuro incargo de guardião do seu convento — cargo que acceitára por obediencia — e quasi que limitava as suas relações

fóra do claustro áquella casa do valle onde não havia senão aquella velha e aquella criança?

Apezar de sua regidez ascetica, prendia aquelle espirito por alguma coisa a este mundo? Aquelle coração macerado do cilicio dos pensamentos austeros e terriveis do eterno futuro, consummido na abstinencia de todo o gôso, de todo o desejo no presente, teria acaso viva ainda bastante alguma fibra que vibrasse com recordações, com saudades, com remorsos do passado?

No seu convento elle não tinha senão uma cella nua com um cruxifixo por todo adôrno, um breviario por unico livro. N'aquella so familia que conversava, havia, ja o disse, a velha cega e decrepita, Joanninha com quem apenas fallava, e um ausente, um rapaz de quem ha dous annos quasi que se não sabía. Em intrigas politicas em negocios ecclesiasticos, em coisa mais nenhuma d'este mundo não tinha parte. De que vivia pois este homem — homem que certo não era d'aquelles que vivem so de pão?

E este era dos poucos textos latinos que elle repettia, este o thema predilecto dos raros sermões que prégava: *Non in solo pane vivit homo*; Nem so de pão vive o homem.

Vivia pois de alguma coisa este homem; e a meditação e a oração não lhe bastavam, porque elle sahía do seu convento e não ia prégar nem rezar... todos as sextas feiras era certo na casa do valle á mesma hora, do mesmo modo...

Alli estava pois alguma parte da vida do frade que de todo se não desprendêra da terra, e que, por mais que elle diga, lhe faltava *castrar* ainda por amor do ceo.

É que meio seculo de viver no mundo deixa muita raiz que não morre assim. E talvez é uma so a raiz, mas funda, e rija de fevra e de seiva, que as folhas morrem, os ramos seccam, o tronco apodrece, e ella teima a viver.

Saibamos alguma coisa d'essa vida.

(Continúa.) *A. G.*

DO PARIATO. (*)

194 Feitas as partes, ás duas entidades que precedem, no drama de 1,000 annos que a christandade apresenta, volvida sempre para o mesmo ponto na terra onde o paganismo fizera, antes d'ella, acto de outros 1,000 annos; devemos agora circumstanciar, tornando ao thema que nos occupa — o do *pariato*, a maneira porque o povo, pela força da sua industria, de paciencia e de tempo, chegou em Inglaterra a subir a cançada encosta da liberdade, e lá contou com os barões, que tão mal contaram com elle. Deviza-se a sua apparição em curia pelo tempo de Eduardo I. Em 1264 surge pela primeira vez a representação popular no parlamento, que assim se tornou necessario aos barões para ingrossar o seu partido contra Henrique III, antes da batalha dada no principio do anno seguinte em Evesham. Tractados os communs, á sua iniciação politica, de pobres, de humildes e de simples (poor mean and simple) desprezando-se de se ajuntarem com elles os grandes, o seu podêr foi pouco a pouco augmentando, e não tardou que não fossem denominados os muito sabios, os muito honrados, capazes e discretos, communs.

Com Eduardo I se assentaram no parlamento 200 cidadãos e burguezes, entre os quaes e os nobres não havia ja distincção de *sangue*. Se o péso que o povo veio lançar na balança governamental foi de uma consequencia absoluta para a organisação do paiz, a derrota de Evesham não foi de menos prejuizo para os barões, porque com ella se praticou um facto que depois veio a tornar-se em um principio d'onde data a queda da sua supremacia. As commoções civis tinham durado havia 205 annos até ao dia d'ésta acção, contados desde a conquista: tantos annos, por exemplo, como se desde D. João IV a Hispanha ainda hoje, com as armas na mão em lide campal, disputasse o throno á casa de Bragança; ou agora pela primeira vez se publicasse a nossa ordenação do reino; sem que a nação ingleza podesse integrar, para alivio do flagello que soffria com tantos regulos, a soberania constitucional no rei. O ensejo da victoria ganhada n'aquelle campo deu logar á innovação de se excluirem do conselho os barões vencidos, e só virem a elle aquelles que fossem chamados por carta regia.

Ricardo II deu mais um passo e creou motu proprio, o primeiro par intitulado tal por carta patente; sem dependencia da baronia que cumpria de juro e herdade a quem possuia essa regalia. Eduardo I, grande monarcha e que sempre trouxe os barões sopeados, establecido o estylo por seu pai Herique III do chamamento para auctorizar a sua vinda ao parlamento, não desistiu de tão salutar praxe. A creação de pares reaes tambem foi por diante. Igualmente se crearam em parlamento por lei no reinado de Eduarda III. Este monarcha avançou sôbre os seus antecessores, mais um lanço, que não foi minimo. Definiu pela prmeira vez por lei o crime de alta traição, porque até alli a justiça era um resgate. A nossa nimia subserviencia á séde romana, é notada contra nós, mas ainda a este rei inglez, em 1366, Urbano V mandou pedir o feudo de 10,000 marcos de prata que João Semterra tinha obrigado a corôa a pagar de vassalagem aos papas.

Repellido este opprobrio pelo parlamento que não consentiu mais continuasse, os seus esforços para introduzir a ordem no Estado soffreram muitas interculações em que a anarchia imperou absoluta, e tornou a pôr a nação no primitivo cahos. É verdade que Henrique III ja tinha compellido o duque de Gloucester a prestar uma fiança de 20,000 marcos para não continuar a guerrear mais. Este rigor de pouco valeu, porque no tempo de Ricardo II, passados 100 annos d'ésta injuncção, vê-se os communs pedirem ao seu rei que prohibisse as confederações dos barões. Os clamores da camara a este tempo de bem tenue consequencia foram, porque a este mesmo rei viram elles succeder um d'esses barões empolgando a corôa

(*) Continuado de pag. 150

a seu legitimo senhor. e dois reinados depois um novo pertendente excluir do throno o neto d'este usurpador. O pai d'este, o duque de York, foi o último grande barão que fechou a scena do imponente drama do feudalismo em Inglaterra. A lei mental renovou-se por ultimo no reinado de Henrique VII em 1505. E n'elle se constituiram os communs segundo se acham actualmente.

Porque o throno chegou emfim a ser um, e de um so; a servidão fosse abolida; o homem se habilitasse a ter direitos; não se cuide que tudo ficou acabado. A audacia da aristocracia tinha sido tanta que a polícia não podia conter os crimes. No reinado de Henrique VIII contam os historiadores que 70.000 delinquentes padeceram morte. A par d'ésta carnificina, de tal maneira uns e outros dos possuidores da corôa se tinham visto obrigados a cortar nos barões, para ver de acabar com tanta turbulencia, que os lords que agora os substituiam, que appareceram em parlamento no tempo de Henrique VII não foram mais de 27. Ha cinco annos eram 436. No tempo de Henrique VII foram 51. E no reinado de James ao principio 82 e no fim 96. Carlos II em 1640 chamou 119 pares. E em 1661 eram 139. A nobreza d'estes fidalgos, ja era muita d'ella comprada, mas note-se, porque é essencial, não obstante a sua origem, conservou-se-lhe a ficção do voto por procuração, como que ainda fosse vigente o preterito senhorio da baronia. No reinado de Carlos I., o duque de Buckingham apresentou-se na casa dos lords com 13 votos alheios, e a camara cega aos seus proprios privilegios e á tradicção, tal é a condicção humana, foi a que coarctou a si este foro superno prohibindo que mais nenhum lord podesse d'ahi em diante representar mais de dois suffragios, a fóra o proprio.

Operada a transição da baronia para o pariato, é conveniente observar as posições que a historia nos informa que este tomou nas crises politicas do paiz. N'esta supererogação á minha tarefa, eu pertendo ser impassivel a preocupações a favor dos vencidos, porque o são, ou dos vencedores. Em tempos de tamanha degradação não se sabe que a virtude estivesse com os escravos e todos os vicios com os seus senhores. É de suppor, pelo mais seguro, que então se presenciasse os senhores tornarem-se escravos e os escravos senhores, como nos nossos dias, antes d'elles, e antes dos seculos que se recapitulam. N'esta rotação não tem havido interrupção. As situações é que determinavam a moral. A luta que aquelles estabelecem contra estes é antiga, e é luta por mais que se dissimule, para todos e de bem pena. Encadêa-se e tece-se n'ella uma mescla de tudo, e sahe-se d'ella como é possivel, senão é ruim ou comicamente. O chronista dos carmelitas descalços de Portugal, frei de ..... diz, para demonstrar a muita abnegação da ordem, que um frade dos seus, sendo achado com uma laranja na cella lh'a penduraram ao pescoço e o pozeram a pão e agua. Se a resignação era tanta n'estes mascarados crapulentos, porque não queria nenhum d'elles ir á missão do Congo com medo de lá morrer? Ahi está toda a integridade dos principios que prevalecem. Ostenta-se o sacrificio da laranja no claustro, mas não um serviço á humanidade catechisando aquelles selvagens na Africa.

Continúa. *C. A. da Costa.*

UMA ARRIBADA Á ILHA DA MADEIRA.

195 A difficuldade das viagens cada dia vai diminuindo, e o número dos viajantes cresce na mesma proporção; estes dois factos tem intima ligação, sem que possa dizer-se qual dos dois procede do outro. Os sabios da commissão do Egypto se indignam ao ver que qualquer individuo, pertencente á immensa familia dos basbaques, querendo gastar cem luizes e cem dias, póde vir sentar-se junto do tumulo de Amenophis. O Oceano-pacifico é hoje sulcado por mais navios do que era o Atlantico ha cem annos. Hoje portanto não se grangêa grande renome em perlustrar o mundo; mais tarde porém os nossos netos farão o giro de todo elle brincando, e zombarão de nós e de nossas fadigas. Apressemo-nos a deixar alguns rastos da nossa passagem, e fallemos de paizes longinquos, antes que elles sejam tão trilhados como a Inglaterra ou a Italia.

Ha muitas especies de viajeiros; e ser-me-hia difficil dizer a qual d'ellas pertenço: não tenho mira commercial, nem destino scientifico; missão do ministerio, ou do instituto, ou do jardim das plantas... nem por sonhos. As minhas idêas pertencem-me a mim todas inteirinhas, e não pertencem senão a mim: não arrastro honrosos grilhões a bordo de uma prisão boiante, não tenho determinação ja de antemão tomada, como os viajantes especiaes, que anteriormente á sua viagem ja sabem o que vão ver, e para os quaes cada objecto é a conclusão de um systema. Eu sou viajeiro de uma raça peculiar; sou esse homem vagamundo, todo composto de olhos e orelhas, que se appellida *girante* (touriste), sou o que caminha á ventura segundo lhe dá no capricho, e pára da mesma guisa seguindo os impulsos da phantasia; que por toda a parte vai procurando alimento para seus olhos e para o seu espirito, demora-se, se a seara é boa, se o não é, correndo dirige-se a outro logar: portanto sou *girante* (se com effeito sou alguma coisa) e reclamo os privilegios da minha profissão. O leitor assim o tenha intendido, e me siga se lhe aprouver seguir-me: eu o transporto commigo ao trigessimo grau de latitude, altura da Madeira, forrando-o á partida, á tempestade, e mesmo á descripção de Lisboa.

Estavamos portanto nos começos do mez de novembro sôbre as aguas d'aquelle ditoso mar, com um vento e uma temperatura taes, como se desejam a uma pessoa a quem se quer bem ao vêl-a desaferrar do porto; presentiamos os primeiros ardores do sol, e lobrigavamos a aurora dos tropicos.

A manhãn nos parecia amena, a tarde deliciosa. Á medida que a estrella polar declinava para o horisonte, affigurava-se á nossa imaginação que outro mundo ia assomar á nossa vista, mundo tão scismado, esperança tão prestes de se realizar! Ja sôbre a tolda do navio tinham cahido os primeiros voadores: os golfinhos faziam suas cabriolas na agua quasi tepida, e os nautilos inchavam suas conchas do sôpro do zephiro; o vento nos ia levando sem balanços, e nós nenhum empenho tinhamos de enxergar terra com brevidade; disposição de espirito rara e de curta duração nos que fendem as vagas do Oceano. Um apparecimento aprazivel e esperado se nos veio offerecer ao sudoeste; um pequeno ponto azulado assomou de manhan, e foi-se tornando maior durante o dia, e ao cahir da tarde se transformou em altos cimos cubertos de mato: tinha-

mos em frente a ilha da Madeira. Prazer grande sem dúvida era o de estar no mar alto nas circumstancias acima descriptas; mais deleitoso porém foi então o passar rezenha a uma costa elevada e bella, e entrever na illusão de uma curta distancia os objectos de que breve iriamos gosar de mais perto. Em casos taes todos os olhos estão abertos, não fica por servir oculo algum de longa mira, e o alvoroço dos passageiros enojam os maritimos, que devisam um perigo aonde os outros so acham motivo de folgança.

Veio abordar-nos um piloto portuguez, e tomou assento junto á canna do leme: cada um de nós lhe perguntava a que hora chegariamos?.... « Bem depressa » respondia elle com gravidade inalteravel. No entanto um sorriso quasi imperceptivel se deslisava pelos seus beiços: elle sabia mui bem que as mais das vezes o vento se faz escaço ao approximarem-se da terra os navios, e que antes de anoitecer seria forçoso mudar de rumo, e emmarar-se. Isto é o que se ve acontecer quasi constantemente com grande indignação dos passageiros novatos, que nunca deixam de assacar ao piloto o baldão de pussilamine.

Muito antes que raiasse o dia tinhamos de novo tomado a primeira derrota, e o sol que vinha surgindo se nos mostrou reflectido em mil facetas nas vidraças das casas do Funchal. Em todas as viagens escriptas pelos inglezes ressumbra a admiração de que ficam tomados ao trocarem sem transicção seus marinhos alcantis pelo esplendido espectaculo que lhes offerece a Madeira, Aquelle que viu muitas coisas, e que por consequencia deixou em cada objecto uma certa dóse da sua facutdade de gosar, sente-a reviver em si ao chegar defronte da Madeira, e admira, mesmo comparando. Se alguma coisa ha que com difficuldade passe da memoria para o fallar e escrever, é sem dúvida a formusura dos objectos da natureza: a descripção d'elles, para quem a lê, será sempre uma figura de daguerrotypo; sem côr, sem realce de physionomia; as feições ficam, a alma esvaeceu-se.

A cidade do Funchal está edificada em uma enseada aberta, o que constitue metade da sua belleza. Nunca considerarei como cidades verdadeirament. maritimas as que não tem diante de si senão um porto soturno e apertado, como Marselha e Leorne; ainda menos aquellas que em vez de mar tem unicamente maré, como Bordeos, Londres, Lisboa etc.; senão aquellas tão somente diante das quaes a agua azulada vem quebrar na praia em toda a sua extensão; aquellas que se erguem acima do immensuravel espaço e que banham seus pés na immensidade. Estas cidades de que ora fallo açoutadas pelas ondas sempre limpidas, logram-se aos primeiros e dos ultimos raios do sol; mas não podem estar em segurança contra o mar que as enfeita e ennobrece a não ser nas latitudes pacificas, em que as tormentas são raras e so rompem de um lado.

O Funchal está abrigado do vento oeste, unico que fôra temeroso; sua enseada sémi-circular a protege tambem algum tanto do lado do norte e do sul; so está exposta á brisa de leste, quebrada e absorvida pelo Atlas e pelo areal de Africa — bastara em quanto ao porto — Agora fallarei da cidade — Consiste ella em uma reunião pouco compacta de casas caiadas de branco, semeadas sobre a encosta do monte, com plena vista para o mar, como as casas de campo da Provença, mas tão lindas e tão abrigadas quanto as nossas são escalvadas e pulvurulentas; simelha-se a um jardim alcatifado de flores e ornado de graciosos edificios; sendo para notar que este jardim, quasi vertical, tem uma legua de comprimento sobre um declive de sessenta degraus. Todas as casas estão como afogadas n'esta cascata de verdura; uma mostra apenas a ponta do nariz por entre as arvores fructiferas; outra mais recatada ainda, faz scintillar seus olhos debaixo da mantilha dos bosques. As egrejas com seus brancos muros e engraçadas torres, garridamente assentadas sôbre o plano de pequenas eminencias, mais parecem sorrir-se que orar. Nada ha mais ameno, ma isincantador, mais tranquillo, que ésta cidade campestre: parece desfructar o sol so para seu prazer, e não para incommodo e desconforto. Milhares de arroios com suave murmurio vem manando dos elevados cimos: na passagem das lymphas que assim se derivam fugitivas, cada jardim d'ellas aproveita uma veia, cada árvore d'ellas recebe seu quinhão, a cada flor fica pertencendo sua gota. A cidade, assim propriamente chamada, é o unico ponto menos bello que se encontra em tão bella paizagem: situado sobre os degraus mais baixos, e calçada com seixos pontudos, está edificada sem gôsto, sem architectura, sem regularidade. Não se acha nas ruas um so edificio que convide a olhal-o; nas egrejas um so quadro, um so baixo-relevo que não seja quasi barbaro; por toda a arte imagens de madeira incarnadas com vermelhão, e pessimas pinturas que fazem lembrar os paineis que os nossos parochos ruraes mandam fazer em Paris por cincoenta francos. Apezar d'isso o Funchal tem um ar prazenteiro e de bondade, que faz com que se lhe releve a feialdade. Participa tanto do campo que se lhe perdoa o não ter nada do que nós considerâmos como necessario a uma cidade.

Coutinúa.

(Victor de la Boulaye).

FR. LUIZ DE SOUSA — DRAMA. *

196 Na historia contemporanea do nosso theatro o drama 'Fr. Luiz de Sousa' fórma um capitulo muito importante. Annunciado como coisa de seu auctor, esperado portanto com anciedade, este bello drama não somente satisfez tudo quando se esperava do A. de *Catão*, de *Gil-Vicente*, do *Alfageme*, mas foi muito além, na opinião mais geralmente seguida.

A sua primeira apparição foi no Conservatario Real onde, pela simples leitura, produziu no intelligente auditorio um effeito de arrebatar. Depois representou-se em um theatro particular, em que foram espectadores quanto ha de mais lusido na côrte. D'ahi a alguns mezes sahiu impresso, e so então é que se póde dizer cahiu no dominio do público.

A imprensa, que ja de antes começára, o examinou então mais largamente, fazendo-lhe insuspeitos e geraes elegios. Atravessou logo ésta immensa reputação o Atlantico, e pouco depois de impresso em Lisboa, 'Fr. Luiz de Sousa' era representado no Rio-

* Fr. Luiz de Sousa, drama em 3 actos por *J. B. de Almeida Garrett*, tomo III do seu theatro, e V da collecção geral das obras litterarias do mesmo auctor. — Lisboa na imprensa Nacional 1 vol. — Em casa da viuva Bertrand e filhos — Porto em casa de Moré — Coimbra em casa de Orfel.

de-Janeiro no meio do maior enthusiasmo; dois theatros d'aquella côrte rivalisavam ao mesmo tempo a qual o daria com mais esplendor, e entre os jornaes do imperio travou-se a respeito d'elle uma interessante polemica litteraria, que bem mostrou quanto era grande o interesse que excitára.

Naturalmente, e como devia ser, este echo da opinião brasileira reflectiu em Portugal, e deu nova popularidade a um drama que, por unanime consenso, foi reconhecido ter fixado o modêlo do genero entre nós, elevando a scena portugueza á altura das mais adiantadas na Europa.

Reflectiu, dizemos, em Portugal com muita força este echo de uma opinião tam insuspeita e desapaixonada, reflectiu em todos e em tudo — menos onde mais devia fazel-o, menos onde é muito de sentir não se ter feito — no nosso theatro. Sabemos que ja em França, em Inglaterra e Allemanha 'Fr. Luiz de Sousa' é conhecido e avaliado de muitos litteratos e pessoas de gôsto a quem não é extranha a nossa lingua; no Brasil é uma coisa popular, póde-se dizer, que recebeu carta da *grande-naturalisação*, e nenhum theatro, de Lisboa ainda tentou represental-o!

E no entanto, uma pobre companhia de actores ambulantes divaga pelas provincias do norte do reino, representando o 'Fr. Luiz de Sousa' no meio do enthusiasmo geral, que, apezar de suas deficiencias, sabe excitar com aquellas bellas scenas, com aquelles inimitaveis characteres tam verdadeiros, tam portuguezes, tam sublimes e ao mesmo tempo tam naturaos — com aquelle stylo que é perfeito e classico por isso que não é tirado dos classicos.

É inexplicavel este phenomeno, e não o commentâmos. Consignamol-o apenas.

ERRATA.

No numero anterior — Viagens na minha terra — o cap. é XIV e não XIII. — Na pag. 162, col. 1.ª, lin. 36: *dissemos* — lea-se: *disseras*. Ib. lin. 50: *mesmas* — lea-se: *minhas*. Ib. col. 2.ª lin. 5: não ha §; e o mesmo na lin. 32. Pag. 163, col. 1.ª, lin. 26: *iniquidade* — lea-se: *impiedade*. Ib. col. 2.ª, lin. 34: *derramado* — lea-se: — *derrancado*.

BIBLIOGRAPHIA.

GAZETA DOS TRIBUNAES.

197 Este interessante jornal, cuja especialidade é tão curioza como importante, começa hoje o quinto anno da sua publicação. Dirigido pelo habil jurisconsulto o Sr. Dr. Antonio Gil, seu redactor, teem sido as suas columnas um como repositorio de doutas consultas mui competentemente elaboradas. A par d'estas do seu digno redactor outras apparecem de eminentes jurisconsultos. E além d'estes a GAZETA costuma tambem ser illustrada com artigos do Sr. Silvestre Pinheiro.

Este jornal, pelo systema da sua redacção, não so é prestavel a todas as pessoas que teem dependencia do foro, mas tambem a toda a classe de leitores que n'elle podem achar, pela sua variedade, artigos cuja leitura lhes interesse a curiosidade, como melhor se verá do seu seguinte programa:

« A GAZETA conterá pois, como até aqui, na *sua integra toda a parte official*, maxime dizendo respeito ao fôro, *leis*, *decretos*, *instrucções e portarias de execução permanente*; e em *extracto* a demais toda *sem excepção de nenhuma*. E bem assim as *sentenças e accordãos mais notaveis*, *ou que estabeleçam aresto*, *que se proferirem nos differentes juizos e instancias do reino e ilhas*, de que a Redacção possa ter conhecimento: e outro sim os *articulados e allegações de direito* de algumas *causas mais celebres* e interessantes, e seu respectivo juizo ou analyse: convindo e podendo ser, *consultas de eminentes advogados*, e principalmente as *preciosissimas* da benemerita ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA: *artigos de direito*, *e de correspondencia e polemica juridica*; *artigos de legislação inedita*; *resoluções de duvidas* aos ASSIGNANTES; *publicações juridicas*; *variedades*, ou *miscellanea juridica*; onde tem logar especialmente *causas de policia correccional* tanto nacionaes como extrangeiras, e finalmente *annuncios*.

A GAZETA CONTINUA A NÃO TER CÔR DE PARTIDO, E A SER INTEIRAMENTE EXTRANHA Á POLITICA.

A' similhança do que no 3.º anno se praticou, em breve se publicará o INDICE das materias contidas no volume do 4.º anno, e se distribuirá gratis aos srs. assignantes.

Publica-se ás segundas feiras, quartas, e sabbados. Vende-se, e subscreve-se por

Anno	6$400 réis.
Semestre	3$200 »
Trimestre	1$800 »
Avulso.	60 »
Annuncio por linha	40 »

no escriptorio da redacção, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, aonde deve dirigir-se toda a correspondencia franca de porte. Recebe assignaturas — em Coimbra, o Sr. J. M. de Paula, na loja da imprensa da universidade — no Porto, o Sr. Francisco José Coutinho, administrador da imprensa commercial portuense — em Faro, o Sr. José Coelhe de Carvalho — em Santarém, o Sr. José Mendes da Costa Pedrozo — em Angra, o Sr. Pedro Gonçalves Franco — em S. Miguel, o Sr. Sebastião Tudury — no Rio de Janeiro, os Srs. Sousa & Companhia — em Pernambuco, o Sr. Francisco Severiano Rebello e filho — no Maranhão, o Sr. João Gualberto da Costa — no Pará, os Srs. Francisco Gaudencio da Costa & Companhia.

TOPOGRAPHIA-MEDICA da cidade d'Angra do Heroismo — pelo Sr. *Dr. Nogueira* — 1845.

198 O Sr. Dr. *Nogueira*, que exerce a medecina na cida-

de d'Angra, capital da ilha Terceira, acaba de publicar a topographio-medica d'aquella localidade, a cuja leitura nos demos com avidez e curiosidade. — O A. comprehendeu a importancia da empresa, assim como a difficuldade de a desempenhar cabalmente, e não foi isso simples modestia, mas confissão ingenua, porque não cabe de certo nas limitadas forças de um so homem, ainda nos de esphera superior á do Sr. Dr. *Nogueira*, um trabalho tão arduo, tão vasto, e tão complexo. — Cremos que o A. prestou grande serviço á medicina, e particularmente aos angrenses, em lhes apresentar a *topographia-medica* do seu paiz, onde denuncia defeitos, e indica melhoramentos, que devem augmentar consideravelmente a salubridade de Angra do Heroismo, e que nós desejaramos ver postos em obra por toda a parte. — Oxalá que este exemplo seja seguido por todos os facultivos, cuja primeira obrigação é e deve ser o estudo e conhecimento do local em que clinicam. — *Scribo hoc in aere romano*, dizia *Baglivi*, como para indicar que cada paiz; assim como tem sua *fanna e sua flora*, tem tambem sua hygiena, e sua pathologia propria e peculiares. — Ainda quando a *topographia medica* de que fallâmos, fosse muito deficiente e incompleta, nem por isso desmereceria do conceito em que temos seu A.; mas ao contrario intendemos que alli se acham consideradas, mais ou menos, todas as partes de que se deve compôr um trabalho d'esta ordem; e se algumas carecem de mais amplo desinvolvimento, é isso devido aos muitos obstaculos que o A. encontrou, e á falta dos alimentos indispensaveis para obra tão vasta que põe em contribuição todos os ramos das sciencias naturaes, como se póde ver de cada uma das seis partes em que se acha dividida.

O Sr. Dr. *Nogueira* promette-nos a *topographia-medica* de toda a ilha, e para então esperâmos ficar satisfeitos a respeito de muitos pontos, apenas esboçados n'esta, principalmente pelo que toca á estatistica medica, ás molestias reinantes, á relação d'estas com o clima, e posição geographiaa da ilha etc.

A.

ANNAES DA ILHA TERCEIRA.

«Materia é ésta (dizia o nosso *Candido Lusitano*) que não nos convida a escrever, porque em nada nos soccorre a chronologia e a historia: ésta falta-nos com os successos, e aquella com os annos prefixos dos taes descobrimentos; e assim iremos com temor de tropeçar, e ás vezes sem tino, em quanto não sahirmos das ilhas dos Açôres.» Estas desagradaveis verdades impressionaram o *Sr. Francisco Ferreira Drumonde*, da ilha Terceira, cujo patriotismo muitas vezes o movêra a reler attentamente esse pouco que se acha impresso ácerca da sua ilha: e reconhecendo (como elle diz no seu prospecto) que *mui pouco nos legaram os nossos antepassados*, começou no anno de 1818 a recopilar todos os factos, que lhe pareceram interessantes; no intento de supprir quanto faltasse para complemento da *historia insulana*, empregando a maior assiduidade e perseverança nas suas investigações, assim nos archivos publicos como nos particulares, recebendo dos seus mais distinctos patricios coadjuvação e favor; o que muito lhes louvâmos.

Tendo o sr. *Drumonde* completado o circulo dos seus trabalhos, reunindo importantes documentos, e copioso cabedal de noticias, finalmente deu adquada classificação aos seus apontamentos, e sob o titulo de — *Annaes da ilha Terceira* — acaba de offerecer, e dedicar a *preciosa joia* das suas fadigas de vinte e sette annos, á benemerita e illustrada camara da cidade de Angra; pondo assim um patriotico remate á sua obra. E tanto o sr. *Drumonde* fazendo ésta generosa offrenda á sobredita camara, como ella mandando imprimir a expensas suas os referidos *Annaes*, deram todos um exemplo de fraternidade e patriotismo aos seus compatricios do archipelago açoriano.

E se nos é permittido que façamos o nosso *juiso critico* sobre os *Annaes da ilha Terceira*, pela experiencia que temos de outros trabalhos analogos; se as nossas locubrações sobre a Historia Ultramarina nos habilitam, e auctorisam a fallar d'estes assumptos; acreditem os nossos leitores, que os *Annaes da ilha Terceira* pelo Sr. F. F. *Drumonde* são dignos das suas assignaturas, e que com ellas prestaremos uma louvavel protecção a ésta empresa litteraria; que preencherá o grande vasio que se encontra na Historia da ilha Terceira. A Historia insulana do *Padre Cordeiro*, é uma rapsodia do noticioso inedito do Dr. *G. Fructuoso*. Este tratou circumstanciadamente da ilha Terceira, porém o seu compilador, sem descernimento, summariou a parte historica, occupando-se com mais interesse das *genealogias*, que elle amplion com parcialidade. Os *Annaes da ilha Terceira* vem supprir as carencias, que se notam na *Historia insulana*, e facilitará a leitura de factos historicos que nem todos poderão ler no manuscripto do *Fructuoso*; cujo authographo está em poder do exm.° *visconde da Praia*, e o apographo na bibliotheca nacional de Lisboa. A *chorographia das ilhas dos Açores* na parte historica pouco diz, e no mais é em muitos logares *improvisadora*. Os *Annaes* de que tractâmos, vem rectificar datas e factos que alli não tiveram cabida. As diversas *memorias*, que se hão publicado sôbre assumptos relativos á ilha Terceira, e mesmo as publicações periodicas, (em cujo número tem a primazia o *Annunciador da Terceira*, que foi o primeiro periodico litterario que sahiu dos prelos açorianos) com mesquinhez escreveram sôbre os assumptos historicos. Os *Annaes da ilha Terceira*, pelo sr. *Drumonde*, enriquecidos com documentos ineditos, satisfarão os que mais apreciam esse *oceanico marco*, *penhasco monumental da heroecidade açoriana*.

A obra constará de 2 vol. Assigna-se, a 480 réis por cada um, na rua Augusta n.° 1.

B. J. Senna Freitas.

BIBLIOTHECA CLASSICA PORTUGUEZA OU EXCERPTOS etc. — publicados por Castilhos (Antonio e José.)

TODOS os amigos das lettras, que desejam sinceramente ver florescer, ou mais propriamente fallando, reflorescer, a bella lingua portugueza, tem considerado e consideram a publicação da *Bibliotheca Classica*, como uma empreza eminentemente patriotica, e como o serviço, mais relevante feito á causa da litteratura nacional, desde a epocha da gloriosa reacção em seu favor encetada por Filinto Elisio. De todos são conhecidas as quasi infindas lamentações d'este grande homem ácerca do desamor com que via ser tractado o formoso e ricco idioma em que tão sublimes poesias compunha, e as acrimoniosas invectivas com que fustigava os sciolos mostravam te-lo em pouco preço, e mais ainda os escrevinhadores semi-barbaros que torpemente o adulteravam. Não receiem os leitores d'este artigo achar aqui repetidos em prosaicas desenxabidas phrases os queixumes e motejos que a tal respeito se encontram nos versos, não dulcisonos, mas por certo conceituosos e valentes do immortal cantor dos Novos Gamas. Fizemos menção d'este grande poeta, d'este illustrado critico, porque ao pagar o merecido tributo de louvor aos modernos campeões da lingua e litteratura nacional, teria sido falta de gratidão, injustiça, não recordar o nome de quem primeiro embocou a trombeta para excitar os animos á gloriosa lide, n'aqual elle mesmo mais que nenhum de seus contemporaneos, tanto se afadigou pelo espaço de mais de meio seculo, e com tão vantajosos resultados.

A *Bibliotheca Classica Portugueza* tem por objecto sustentar a mesma sagrada causa, e os seus editores acham-se repassados dos mesmos sentimentos que animaram o illustre desterrado, cujos ossos acabam de ser restituidos á patria a quem votára tão intranhavel affecto.

Fazer conhecer de todos quantos não ignoram os primeiros elementos das letras, o subido, mui subido preço da sua lingua materna; restituir-lhe (com melhoria) a sua antiga abastança, expurga-la de um sem numero de escusados peregrinismos; em uma palavra, revoca-la ao brilho de seus aureos dias; sem rejeitar, bem intendido, quanto possa contribuir para o seu novo e mais vivo esplendor; tal foi o constante empenho de Filinto; tal é o proposito d'estes herdeiros do seu zêlo, e continuadores da sua obra de restauração litteraria.

Mas qual o meio, ou os meios, perguntará talvez alguem, com que mais prestes e completamente se poderá conseguir fim tão justamente appetecido? Permita-se-nos indicar os tres que nos parecem mais adaptados a tão nobre intento O 1.° d'elles pertence exclusivamente ao govêrno, e consintiria em tornar *effectivamente* obrigatorio o estudo da lingua vernacula nas aulas públicas, e exigir como condição indispensavel para a admissão a qualquer emprego público, o conhecimento da grammatica portugueza com preferencia ao de qualquer

outra lingua, inclusa a latina. Uma recente e sábia provincia, a adopção de uma *selecta portugueza*, para uso das escholas, faz-nos conceber a este respeito lisonjeiras esperanças.

O 2.º meio fôra (no nosso intender) a publicação de um diccionario completo, orthoepico e orthographico, similhante no plano aos da Crusca, da Academia Franceza, ou da Academia Hispanhola, e não em escala tão descommunal como o 1.º volume do da nossa Academia, que se fosse agora addicionado (como seria mister) e levado assim até á letra Z, ficaria sendo com effeito carga para muitos camellos.

A tarefa do diccionario, ardua, longa, improba, mas por isso mesmo tanto mais honrosa devera, na nossa opinião ser incumbida á Academia Real das Sciencias, pela obvia razão que, sem sahir do seu gremio, se achariam todas as luzes necessarias para a compilação de uma obra de tanto vulto, e porque uma corporação tão respeitavel possue a força moral que em taes casos quasi equivale á auctoridade de legislar.

Finalmente o 3.º meio de que nos havemos lembrado é o que primeiro que a nós lembrou aos Srs. Castilhos, isto é, facilitar ás mais acanhadas fortunas a leitura de tudo quanto mais interessante e mais bello se acha nas obras dos classicos e auctores de boa nota que escreveram na lingua portugueza.

O plano concebido pelos editores da *Bibliotheca Classica*, e de cuja execução já temos apreciaveis amostras nos 13 volumezinhos publicados, parece-nos satisfazer cabalmente a quanto podem razoavelmente exigir os litteratos, e os leitores mais difficeis de contentar. Sôbre a utilidade, em geral, da publicação de taes excerptos (pela primeira vez tentada entre nós) não será mister gastar muitas palavras.

Por uma parte a necessidade de ler os classicos para bem conhecer a lingua e formar o estylo; por outra parte a impossibilidade de ler as obras completas de todos elles, pelo subido preço de umas, e raridade de outras; são duas verdades de simples intuição.

A *Bibliotheca Classica* acode áquella necessidade; torna accessivel a todas as classes da sociedade o melhor dos bons auctores e o bom dos medianos; cerceia sobegidões, e poupa totalmente o tedio da leitura de passagens por qualquer principio pouco interessantes.

Honra portanto áquelles que conceberam e desinvolvem plano tão proficuo, e principalmente ao eximio poeta, ao elegante e florido prosador, que tendo inriquecido, e continuando a inriquecer a litteratura da sua patria com producções proprias, não se dedigna roubar consideravel parte do seu precioso tempo, para consagrá-lo a uma tarefa, não diremos *ingloria* (porque aqui tem cabimento o *in tenui labor at non tenuis gloria*) mas por certo de menos lustre por isso que incomparavelmente menos difficultosa!

Uma vantagem da *Bibliotheca Classica*, que será devidamente avaliada por todos os intendedores, é o incerrar curiosas noticias biographicas e observações criticas; umas e outras em pura e esmerada linguagem, ácerca dos differentes escriptores de que são sacados os excerptos; noticias e observações que além da sua importancia relativa, em dar a conhecer a vida e avaliar o merito de cada auctor que figura na nossa *Chrestomathia*, per si mesmas se tornam interessantes e recommendaveis por isso que são resultado de vasta erudição, solido juizo e apurado gôsto, producção emfim de penna tão primorosa.

Quanto á escolha dos auctores que devessem ser os primeiros a entrar na collecção, e mesmo quanto á selecção das passagens preferiveis, fôra absolutamente impossivel satisfazer a todos os gôstos. Sem condemnar os dos outros, diremos simplesmente que até agora tem-nos agradado a escolha que os editores fizeram. Começou-se por um escriptor, religioso, orthodoxo, mystico. Não vemos n'isso coisa que mereça censura. *Ab Jove principium.* Abundam no piedoso congregado narrações de milagres, lendas, que a critica menos severa recusa admittir como verdadeiras. No vol 7 da *Bibliotheca* acha-se tudo quanto sôbre tal objecto póde dizer-se, e pela melhor maneira porque podia dizer-se. Nós so accrescentaremos que nem era de presumir, nem tivera sido para desejar, que um poeta tão popular e religioso como o sr. Castilho, houvesse de fraudar da parte, em certo modo romantica e poetica das obras do pio e mavioso Bernardes, os leitores dos seus excerptos.

Quem souber quanto era até agora difficil ler o Cancioneiro de Garcia de Rezende, não achará desacertada a lembrança de tornar geralmente conhecido o melhor d'aquella collecção, senão importante pelo intrinseco merecimento dos versos que contém, ao menos apreciavel sem dúvida por pertencer á epocha que disseramos *primordial* da nossa poesia, e de não pequena importancia para as indagações philologicas.

Relativamente á execução *material*, parece-nos que os assignantes da *Bibliotheca classica*, e o público em geral, não a podiam razoavelmente esperar melhor, attenta a consideração *capital* da modicidade do preço, e a limitada sahida das obras mais uteis e acreditadas em um paiz de tão pequena população e acanhados recursos, como o nosso Portugal. Em França fazem-se boas edições de classicos, chamadas *economicas*, cujos volumes custam um franco cada um; e outras muito inferiores cujos volumezinhos se vendem a 50 centimos (4 vintens); porém os editores de umas e outras contam a venda certa de 12,000 exemplares: 80,000 exemplares de uma edição *popular* das poesias de Schiller, feita em 1842 em Berlim (se a memoria nos não engana) foram todos vendidos em menos de um anno! Por aqui se vê que os francezes e os allemães [e podemos tambem accrescentar os inglezes, e mesmo os italianos e os nossos vizinhos hispanhoes] tem muito mais direito que nós a exigir primores typographicos. Fôra sem dúvida para desejar que collecção em si mesma tão interessante se recommendasse tambem por uma nitidez, e mesmo luxo de execução, correspondente ao seu intrinseco merecimento; e muito folgaramos de a ver impressa em optimo papel, e com os typos de Ibarra, de Bodoni, ou de Didot; mas é inutil cubiçar o que por ora está fóra do alcance de nossas tenues forças; console-nos por emquanto a lisonjeira perspectiva que desde já nos offerece uma empreza litteraria de tão transcendente utilidade, e que tem sido acolhida com universal applauso. E' de esperar que n'um porvir não remoto, não so em todas as cidades e villas do reino, mas tambem nas aldêas mais notaveis, se possua e leia a *Bibliotheca Classica Portugueza*, e que d'ella sejam assignantes todas as camaras municipaes do reino, e possessões ultramarinas. Então, e talvez mesmo antes de se obter completamente um tal resultado, confiâmos que os editores poderão até n'esta parte accessoria e tão secundaria, realizar plenamente, para maior satisfação de todos sem excepção, os sinceros desejos que os animam de desempenhar tão nobre e util tarefa com a perfeição a que é possivel chegar em taes emprezas.

Praza ao ceo que ésta chegue a um tal grau de prosperidade, que ainda uma nova e nitida edição da *Bibliotheca* possa ser offerecida aos abastados e fastientos, que não costumam achar sabor nas iguarias mais exquisitas se éstas lhes não são ministradas em baixella de prata ou de porcellana preciosa.

A. J. Viale.

VARIEDADES.

TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DE VASCO DA GAMA.

199 Sr. redactor da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE. — Em 18 de dezembro de 1844, e 28 de março do corrente anno, pedi respeitosamente a Sua Magestade, a Rainha, pela secretaria d'Estado dos negocios do reino, em dois requerimentos, a trasladação dos restos mortaes do grande, sempre affamado e corajoso argonauta *D. Vasco da Gama*, do templo da invocação de Nossa-Senhora das Reliquias, do ex-convento (fundado em 1495) que foi dos religiosos carmelitas calçados da villa-da-Vidigueira, para a sumptuosa egreja de Sancta-Maria-de-Belem, monumento (e o primeiro da nossa invelhecida gloria que se offerece aos extrangeiros ao entrar no Tejo) d'elrei o senhor D. Manuel, erigido para perennal memoria do regresso da primeira viagem, em 29 de julho de 1499, do mesmo affamado *D. Vasco da Gama*; por ser mais ad-

quado que as cinzas d'este grande varão (propriedade nacional por justissimos titulos, e á qual ninguem mais pode disputar este direito) descancem junto ás do senhor D. Manuel, que o enviou á descoberta da India em 8 de julho de 1497; afim de que os sarcophagos do monarcha e do vassallo indiquem, aos que entrarem n'aquelle grandioso templo, o amor do rei recompensando o valor, e a lealdade do vassallo.

Os heroes não são como os outros homens; n'elles tambem é berço a sepultura: nascem para a vida da fama quando acabam para a vida da natureza.

Estes requerimentos se acham na secretaria d'Estado dos negocios do reino, ja informados pelo governador civil de Beja, empregado verdadeiramente portuguez, e presador de nossos illustres heroes; e como este benemerito funccionario me escrevesse ácerca do mesmo assumpto, e a sua carta seja de tanto interesse relativamente ao fim indicado, rogo a V. o obsequio de lhe dar publicidade no seu periodico, para o que lhe envio a cópia inclusa; e muito obrigado lhe ficará.

De V. etc.

Em 10 de settembro de 1845.

O Abbade Castro.

Copia a que se refere a carta supra.

Tenho a honra de accusar recebida a carta com que V. se dignou favorecer-me em data de 30 do mez findo; e muito do coração lhe agradeço as obsequiosas expressões que emprega, para testimunhar a satisfação que lhe causou o interesse que eu tenho tomado na trasladação dos ossos de D. Vasco da Gama.

Folgo muito de que V. Tenha apreciado a boa vontade e zêlo com que me tenho consagrado a este serviço, em que tanto vai da glória nacional. Oxalá que o govêrno me dê promptamente as ordens necessarias para se levar a effeito o patriotico empenho em que V. lida, e tão singularmente characterisa o ânimo verdadeiramente portuguez de V. , a quem a patria deve mostrar-se agradecida. Comprehendi desde o principio o louvavel e illustrado intento de V. , e por isso me dediquei á sua execução, logo em chegando a ésta cidade, com todo o fervor que em minhas forças coube. Ja V. sabe o brutal vandalismo, e estupido desacato que uns poucos de barbaros fizeram na sepultura do nosso heroe; e posso asseverar-lhe que o dia em que fui presenciar aquella desagradavel scena, foi para mim de mui grande consternação, por vêr até que ponto tem chegado o descuido dos portuguezes em assumptos que tão de perto interessam a nossa glória.

Não é tanto da malvadez dos desalmados que devassaram a sepultura, que eu me queixo, como do abandono em que as auctoridades deixaram aquella campa desde que os frades sahiram do convento...

Mas deixando isto — rogo a V. que não cesse de instar o govêrno para que ultime a obra começada, e não se acobarde de gastar alguns *mil réis* n'uma empresa em que toda a nação deve tomar parte; e veja V. se me indica alguma lembrança que lhe occorra para tornar mais apparatosa a desejada trasladação.

Sou etc.

Beja 3 de maio de 1845.

José Silvestre Ribeiro.

CORREIO EXTANGEIRO.

200 Começam em Napoles os preparativos para o congresso scientifico, que se costuma celebrar na Italia, A presidencia do congresso foi offerecida ao marquez de Sanct'Angelo. O govêrno alugou o palacio de Villafranca, para dar banquetes e festas: todas as salas estão sumptuosamente adornadas. Ja teem chegado muitos sabios. O congresso durará 15 dias, de 20 de settembro a 5 de outubro. Nota-se extraordinario movimento pelas ruas de Napoles; parece que toda a população é chamada a tomar parte n'esta solemnidade scientifica. O rei mandou cunhar uma medalha para perpetuar a menoria da reunião d'este congresso na capital dos seus Estados.

As gazetas de Allemanha calculam que as despezas feitas com as festas que se executaram por occasião da visita que a rainha d'Inglaterra fez ao Rheno, subiram á enorme quantia de 5.000.000 f. Importando unicamente a verba musica em 400.000 f.

O rei dos francezes acaba de condecorar com a legião de honra a um official em disponabilidade chamado Kolembeski, de descendencia polaca, e que veiu para França com o rei Estanislau. Depois da morte d'aquelle principe, em 1766, entrou no serviço da França. Kolembeski tem 101 annos de edade, e 79 de activo serviço: assistiu a 29 combates entre os quaes se contam os da America, Hispanha, Italia, Allemanha, Prussia, Portugal, Russia e França. É o soldado mais antigo que conta o exercito francez.

Um terrivel incendio destruiu inteiramante a cidade de Tiflis, capital da Georgia (America.)

Acaba de se concluir o grande canal que une os rios Maine e Danubio. Este canal foi começado no tempo de Carlos Magno, mas ficou inteiramente abandonado até que o actual rei da Baviera o mandou concluir.

A Russia possue áctualmente no Baltico, uma nau de 120 peças, tres de 110, quinze de 84, dôze de 74, trinta embarcações de 64 a 65, e 120 de menor lotação, entre as quaes se contam diversos vapores armados em guerra. No mar Preto tem, duas naus de 120, duas de 110, doze de 84, oito de 74, oito embarcações de 60, dez de 44; e mais 100 navios pequenos no mar Caspio e no mar Branco.

Como ja se disse na Revista, o celebre economista Blanqui foi commissionado pelo govêrno francez para investigar em Hispanha a exposição-da-industria, e o estado economico do paiz. M. Blanqui deu conta á Academia das Sciencias moraes e politicas das suas investigaçõea. Segundo ésta conta, a industria dos nossos vizinhos progride optimamente, absorvendo ja grandes capitaes fornecidos pela Inglaterra e França. Settecentos dos conventos abolidos converteram-se em fábricas. Ha n'alguns d'estes estabelecimentos machinas da força de oitenta cavallos. As fábricas de fiação de seda empregam de 800 a 900 operarios, e os seus productos egualam os dos paizes mais adiantados. A

agricultura está tambem em progresso. A instrucção é n'algumas partes satisfatoria: v. g. Barcelona, onde so a eschola de desenho conta 1,500 discipulos *de ambos os sexos*, é de noite illuminada a gaz, e sustentada a expensas do corpo commercial.

A 23 de d'agosto falleceu em Kiltearn um montanhez da Escocia com 115 annos. Poucos dias ainda antes do seu fallecimento gozava de robusta saude.

A 4 do passado perdeu a França um dos seus maiores homens, orador, escriptor, philosopho e Estadista — Royer Collard, que exerceu tamanha influencia nas ideas, nos homens, e nos acontecimentos da sua epocha.

Royer Collard, era advogado quando rebentou a revolução franceza. Republicano ardente fez parte da assemblea dos *quinhentos*; mas desgostoso dos excessos da republica ligou-se com os realistas, que não tardou a deixar tambem, e com elles a politica para se entregar exclusivamente ás lettras. Em 1811 foi nomeado professor de philosophia da eschola normal. Pela restauração, em 1814, foi nomeado administrador-geral da imprensa regia etc. Em 1819 fez parte da opposição, e em 1827 foi eleito pela academia franceza para o logar de Laplace, não tendo ainda publicado pela imprensa nem uma lettra.

Depois da revolução de julho foi constantemente deputado, mas so por duas vezes fallou na camara, até á sua morte.

As viagens dos soberanos continuam. A imperatriz da Russia, segundo se diz, vem visitar a Italia.

Segundo o ultimo recenseamento da Saxonia, 1843, tem este paiz 1,757,000 habitantes, quasi todos lutheranos.

Falla-se da invenção de uma imprensa magnetica, com a qual se póde imprimir quanto se deseja, em characteres communs. O inventor requer privilegio.

O congresso dos sabios, que se celebra em França annualmente, abriu-se em Reims, presidido pelo arcebispo d'esta cidade. A reunião compunha-se de mais de seiscentas pessoas, entre éstas muitos extrangeiros de distincção.

Parece que o rendimento do imposto sobre os baralhos de cartas tem tido agora consideravel augmento em França, o que se attribue ao excessivo desinvolvimento da paixão pelo jogo. Em 1830 rendeu este imposto apenas 50,000 francos, agora sobe a milhão e meio. So um frabricante de cartas pagou 50,000 francos, e d'antes pagava somente 15,000.

CORREIO NACIONAL.

201 Domingo (5) faz a sua abertura a praça de toiros d'Almada, com uma corrida e fogo de cores á noite — processo Osti.

Sabbado (4) será a primeira sessão solemne, da illustre associação dos advogados de Lisboa, no oitavo anno da sua existencia em que vae entrar. A oração, chamada d'abertura, será pronunciada pelo sr. dr. Izidoro Chaves. E' presidente o sr. dr. Silveira da Motta, e primeiro-secretario o sr. dr. Silva Abranches.

No dia 6 do corrente começa a exposição triennal da academia das Bellas-Artes do Porto.

No dia 29 do corrente ha de abrir-se na cidade do Porto um estabelecimento, que muito honra a philantropia de seus habitantes. — E' um asylo de mendicidade para sessenta pessoas. Possa este benemerito exemplo da segunda capital do reino, ser imitado pelas outras cidades das provincias.

Por portaria de 22 do passado, foi elogiado o subdirector e mais empregados da alfandega da Pedreneira, pelo prompto auxilio com que salvaram as vidas da tripulação da barca *Conceição-Nova*, e a sua carga e casco, do naufragio a que esteve a ponto de succumbir.

Por portaria de 22 do passado, se promovem, e reccommendam ao patriarcha de Lisboa, os trabalhos preparatorios para a divisão 'união e suppressão' das parochias do reino, e melhor divisão e arredondamento de Lisboa.

As ultimas noticias da Madeira são satisfatorias. Continuam n'aquella fertil ilha os melhoramentos materiaes, e a junta geral do districto preparava uma consulta para subir ao governo de S. M. mostrando a necessidade de certas providencias que supplica; entre outras, pede a junta a livre cultura da planta do tabaco. Lembrâmos ás respectivas juntas das ilhas dos Açores, hajam de representar sobre este mesmo objecto, porque esta planta é espontanea no seu solo, e grandes vantagens lhes poderiam vir da sua livre cultura. Em geral o exemplo da junta-geral de districto, da ilha da Madeira, é applicavel não só aos Açores, mas a todas as juntas-geraes de districto. Assim elle seja imitado.

A cidade do Funchal exportou no 1.° semestre d'este anno 4,219 pipas de vinho.

Aviso ao commercio portuguez. A colheita de cereaes, foi este anno má em toda a parte: entre nós mesmo não é boa, mas na Belgica é onde a sua escacez se tem feito principalmente sentir. Pela carta de lei de 5 do passado se mandou abrir os portos da Belgica, a todos os cereaes e batatas extrangeiras; sendo este último genero principalmente o de maior urgencia.

A caixa economica da companhia *Confiança-nacional* recebeu 5:624$350 réis, resiituiu 1:304$000 réis, e teve 10 depositantes novos, na semana finda em 27 de settembro.

O 'Cosmopolita' faz menção de uma morte, attribuida á charlatanisse de uma *curandeira*, applicada á cura da morphea. As queixas d'esta perigosa classe de charlatães, são muito communs, e parece-nos conveniente que as auctoridades observem a este respeito a mais escrupulosa vigilancia.